

# PERGUNTAS E INVENÇÕES: ATRAVESSAMENTOS NA FORMAÇÃO DE UM EDUCADOR AMBIENTAL

■ ALEXANDRE COUGO DE COUGO

<https://orcid.org/0000-0003-0851-6709>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

■ CLEUZA MARIA SOBRAL DIAS

<https://orcid.org/0000-0002-3441-3431>

Universidade Federal do Rio Grande

## RESUMO

O presente artigo constitui-se em um universo repleto de perguntas, desenhando-se, a partir delas, um exercício de escrita metarreflexiva, pela retomada das produções textuais constituídas pelo sujeito-autor em uma vivência. Dessa forma, guiados pela pergunta “O que é isso que se mostra de formação do educador no campo da educação ambiental na experiência da escrita de textos reflexivos?” –, foram analisados oito textos individuais produzidos por um dos autores deste artigo, a partir das reflexões sobre o estudo da hermenêutica e da educação ambiental construídas na processualidade dialógica em uma disciplina da pós-graduação. Assim sendo, a partir da leitura e da análise das produções reflexivas, foi possível perceber que alguns pontos de compreensão do processo de formação do educador no campo da educação ambiental se destacaram nos textos estudados, tais como: o encharcamento de coisas e o processo de interpretação de si-outro-mundo-texto; a percepção da denúncia/anúncio e da transformação como possibilidade; a leitura da historicidade e da linguagem; e o estranhamento/existência e a escuta/sentir.

**Palavras-chave:** Educação ambiental. Metarreflexão. Formação do educador. Hermenêutica.

## ABSTRACT

### QUESTIONS AND INVENTIONS: CROSSINGS IN THE TRAINING OF AN ENVIRONMENTAL EDUCATOR

This article is constituted by a universe full of questions, which draw from them a meta-reflexive written exercise through the resumption of textual productions constituted by the subject-author in an expe-

rience. Thus, guided by the question “What is this that is shown in teacher training in the field of environmental education in the experience of writing reflective texts?”, eight texts written by one of the authors of this article were analyzed, from reflections on hermeneutic studies and environmental education built on a dialogical processuality in a graduate study discipline. Hence, from the reading and analysis of reflective productions, it was possible to notice that some points of understanding of the educator training process in the field of environmental education stood out in the texts studied, namely: the excess of things and the process of interpreting oneself-other-world-text; the perception of denunciation/announcement and transformation as a possibility; the reading of historicity and language; and the strangeness/existence and listening/feeling.

**Keywords:** Environmental Education. Meta-reflexion. Teacher training. Hermeneutic.

## RESUMEN

### PREGUNTAS E INVENCIONES: INTERSECCIONES EN LA FORMACIÓN DE UN EDUCADOR AMBIENTAL

El presente artículo se constituye en un universo repleto de preguntas, y de ellas se dibuja como un ejercicio de escritura metarreflexiva a partir de la reanudación de las producciones textuales constituidas por el sujeto autor desde una vivencia. De esta forma, guiados por la pregunta “¿Qué es eso que se muestra de formación del educador en el campo de la educación ambiental en la experiencia de la escritura de textos reflexivos?” – se analizaron los ocho textos individuales producidos por uno de los autores de este artículo a partir de las reflexiones sobre el estudio de la hermenéutica y de la educación ambiental construidas en la procesualidad dialógica desde una disciplina del postgrado. Siendo así, a partir de la lectura y análisis de las producciones reflexivas fue posible percibir que algunos puntos de comprensión al proceso de formación del educador en el campo de la educación ambiental han saltado desde los textos estudiados, como: el encharcamiento de cosas y el proceso de interpretación de sí -otro-mundo-texto; la percepción de la denuncia / anuncio y de la transformación como posibilidad; la lectura de la historicidad y del lenguaje; y el extrañamiento / existencia y la escucha / sentir.

**Palabras clave:** Educación ambiental. Meta reflexión. Formación del educador. La hermenéutica.

Sobretudo, o caminho de tua  
liberdade  
não passe pela escravidão  
de teus filhos.

Eis a tua estrada  
de esperança: envoltos na bruma  
os comboios martelam  
na direção da aurora!

(TIERRA, 2010, p. 68)

Começar esta escrita com as palavras do poeta Pedro Tierra serve como alimento potencial para as incursões reflexivas no universo de percepção do processo de formação do educador ambiental em constituição, retomado e dialogado desde as próprias experiências de escrita, a partir de uma disciplina na pós-graduação em educação ambiental. Nesta escrita-exercício de metarreflexão, nos alimentamos da liberdade que sonhamos, mas que também nos faz permanecer refletindo: Qual nos é a estrada da esperança? Para onde caminhamos e qual a consciência sobre este caminhar? Por que, encharcados ou não dos sonhos da aurora, desejamos estas direções?

Repletos destas perguntas e de outras que brotam inesperadamente, é que desenhamos este exercício metarreflexivo, pela retomada das produções textuais constituídas pelo sujeito-autor, em uma disciplina de um curso de pós-graduação que se propunha ao diálogo entre o campo da hermenêutica e o campo da educação ambiental. Tais produções eram construídas previamente a cada encontro, a partir da leitura dos textos-base sugeridos para os diálogos de aprendizagem e também constituíam apropriações compreensivas desses estudos. Para cada encontro-aula, eram solicitadas uma leitura e a escrita de cada estudante, individualmente, através do diálogo com esta leitura e suas construções reflexivas, por onde também se desencadeavam as discussões, entre estudantes e professores, nos encontros presenciais.

Sendo assim, guiados pela pergunta “O que é isso que se mostra de formação do educador no campo da educação ambiental na experiência da escrita de textos reflexivos?” – foram analisados oito textos individuais produzidos por um dos autores deste artigo, a partir de reflexões sobre o estudo da hermenêutica, da educação ambiental e da processualidade dialógica efetivada em uma disciplina da pós-graduação. Neste movimento, serão apresentadas, primeiramente, algumas compreensões conceituais que nos permitem dialogar com a pergunta deste texto; logo após, seguirão as descrições da mobilização compreensiva constituída a partir de cada relato; posteriormente, alguns apontamentos e percepções do que se entendeu como formação do educador no campo da educação ambiental e, por fim, algumas considerações finais desde as configurações reflexivas.

## Dialogando com as compreensões de formação, experiência e educação ambiental

Quando pensamos o processo de formação do educador ambiental, ou a formação no campo da educação ambiental, se faz necessário buscar compreender o que estamos entendendo por formação e por educação ambiental. Ainda que haja uma pluralidade significativa de compreensões, exatamente por isso, o registro de nossas bases já se torna um elemento constitutivo da própria compreensão de formação pensada e em movimento.

Partimos para pensar a formação desde o lugar que ocupamos profissionalmente, ou seja, enquanto professores. Desta forma, nossa elaboração sobre a formação se faz dialogicamente com este refletir-se, problematizando a ideia de experiência, que pode impulsionar a formação e a transformação. Segundo Larrosa (2016, p. 32), se “a experiência não é o

que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência”. Refletindo sobre a formação, nas palavras de Josso:

Se aceitarmos, por convenção verbal, que os saberes resultam da experiência de outrem e que os saberes socialmente valorizados são elaborados segundo modalidades socioculturais concretas (por exemplo, os centros de pesquisa), e se aceitarmos, ainda por convenção, que os nossos conhecimentos são frutos das nossas próprias experiências, então, as dialéticas entre saber e conhecimento, entre interioridade e exterioridade, entre individual e coletivo estão sempre presentes na elaboração de uma vivência em experiência formadora, porque esta última implica a mediação de uma linguagem e o envolvimento de competências culturalmente herdadas. (JOSSO, 2004, p. 49)

Ainda em diálogo com a autora, compreende-se este exercício formativo desde as relações experienciais, mas também articuladas às demais mobilizações provocativas do mundo.

Já sob o meu ponto de vista, a formação experiencial designa a atividade consciente de um sujeito que efetua uma aprendizagem imprevisível ou voluntária em termos de competências existenciais (somáticas, afetivas, conscienciais), instrumentais ou pragmáticas, explicativas ou compreensivas na ocasião de um acontecimento, de uma situação, de uma atividade que coloca o aprendente em interações consigo mesmo, com os outros, com o meio natural ou com as coisas, num ou em vários registros. [...] O domínio dessas competências implica não apenas uma integração de saber-fazer e de ter conhecimentos, mas também de subordiná-las a uma significação e a uma orientação no contexto de uma história de vida. (JOSSO, 2004, p. 55-56)

Da experiência ao saber da experiência enquanto aquele que “[...] se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. De fato, a experiência é uma mediação entre ambos” (LARROSA, 2016, p. 30). Assim, partindo destas

compreensões, encontramos enredos no campo da educação ambiental que nos permitem deflagrar olhares, intencionalidades e sonhos sobre uma práxis que convida à felicidade do eu-outro-mundo e não a sua separação desmobilizadora e destrutiva. Conforme Sato e Passos:

Na poética da EA, a atenção à degradação ambiental muitas vezes deixa escapar a injustiça social. Por isso é preciso reivindicar a consciência reflexiva de que toda miséria humana está intrinsecamente relacionada com os impactos ambientais. Teremos o enorme desafio de transformar a poética em sua dimensão política, pois a história da civilização do Homo Sapiens já comprovou que os prejuízos dos danos ambientais recaem sempre nas camadas economicamente desfavorecidas. [...] A beleza e a feiúra novamente se negam, mas se exigem conjugadas. Para além de pragmatismos, é preciso um fecundo repensar a vida, sem restos ou enigmas vazios, mas com coragem de assumir a injustiça presente nas inúmeras sociedades de um mundo tão desigual. (SATO; PASSOS 2006, p. 23)

Em Sauvé (2005, p. 317) também encontramos esta possibilidade de diálogo de compreensão entre o meio ambiente e os movimentos formativos: “A trama do meio ambiente   a trama da própria vida, ali onde se encontram natureza e cultura; o meio ambiente   o cadinho em que se forjam nossa identidade, nossas rela oes com os outros, nosso ‘ser-no-mundo’”. A partir das compreensões que vamos pensando, transformando, repensando, constituindo e formando, nos diálogos sobre a experiência, a educa ao ambiental e a forma ao, passamos ao processo descritivo das oito escritas reflexivas de Alexandre Cougo de Cougo, em um movimento disciplinar, guiados pela pergunta: “O que   isso que se mostra de forma ao do educador no campo da educa ao ambiental na experiência da escrita de textos reflexivos?”

## Descrições desde textos reflexivos e a formação do educador ambiental

Para uma melhor organização dos diálogos de descrição dos textos reflexivos produzidos pelo autor deste artigo, a partir de uma determinada disciplina e que estão sendo analisados com o objetivo de compreender o processo de formação deste educador, no campo da educação ambiental, que se mostra no processo de escrita, enquanto um movimento metareflexivo, organizamos a processualidade descritiva, relato a relato,<sup>1</sup> conforme segue.

**Primeiro Texto** – O primeiro movimento de escrita foi provocado pela leitura do texto intitulado *Hermenêutica e educação: um encontro com a pesquisa social*, de autoria de Paulo Valério Saraçol, Luciana Netto Dolci e Vilmar Alves Pereira.<sup>2</sup> O estudante-escritor narrou o encontro inicial com as leituras do campo da hermenêutica e as suas compreensões, ainda em descobertas também iniciais, carregadas de sentidos pessoais, em diálogo com as vivências que já se costuravam, bem como por um mergulho em experiências do cotidiano, em situações que estavam sendo vividas, com metáforas dos sentidos pelo corpo, pelos poros, pela experiência de leitura de um texto sugerido e também pela experiência de es-

crita a partir desta leitura. Para isso, o diálogo com a música ouvida, com o mar, com um café, com lembranças e possibilidades. “*Era Luiz Marengo que poetizava e me tencionava. Eu também busco esta resposta e a leitura do texto fez com que a ânsia saltasse ainda mais. Interpretar, interpretar-me*” (TEXTO REFLEXIVO 1). A demanda por pensar a ideia de interpretação chegava e permitia o exercício da compreensão de autores visitados e também da autocompreensão.

Marengo assombra-me novamente, em uma mi-longa nervosa, me jogando ao encontro do que posso assumir como meu mundo. E é assim que decido partir em busca da querência oculta, rumando à praia. Alguns minutos depois, imensidão de água e de tempo, cheiro de vento, de terra molhada, de silêncio. Paro solitário ao olhar profundamente a linha do horizonte e vejo, sem nitidez, um fim. Muitos passos separam homem e fim, mas a projeção se fazia e, mesmo sem escolhas exatas, havia uma composição demarcada entre as dunas, os quiosques, o vento, os caminhantes, as ondas, os veículos, a noite, e eu. Éramos um texto em interpretação e a felicidade foi compreender que, por mais estranho que pareça, a metáfora me permitia um reflexo muito mais atraente. (TEXTO REFLEXIVO 1)

Este parágrafo da escrita do autor demarca a necessidade primeira de encontrar o seu lugar, a sua querência, com suas marcas e seu chão, e o vínculo dessa necessidade com a percepção do diálogo aproximado com os outros possíveis lugares e seres que com ele compartilhavam o mesmo espaço-tempo designado mundo. Eram pertinências para a possibilidade dialógica com o aprender do novo, que se avizinhava. Como ler-conhecer-viver-aprender a hermenêutica sem essa tentativa de encontro-diálogo com o mundo, que também lhe permitia se tornar autor e intérprete? Conforme Saraçol, Dolci e Pereira (2012, p. 106), “Viver humanamente é uma experiência hermenêutica na sua mais profunda radicalidade”. Neste exercício, a interpretação emerge como mobi-

1 Ao longo da descrição dos oito textos reflexivos, tentaremos apresentar as leituras que eram sugeridas nos encontros-aula e que geravam ou contribuíam diretamente para a escrita das reflexões, encontradas nos próprios textos ou ainda em anotações e registros do seu autor. Ainda assim, nem todas as escritas envolveram esta identificação de leituras sugeridas e também não foi possível, por uma questão de não registro da parte do autor, englobar completamente toda a gama de leituras potencializadas na experiência da disciplina. Estas leituras, quando não apresentam citações, não se encontram no corpo de referências deste artigo.

2 SARAÇOL, Paulo Valério; DOLCI, Luciana Netto; PEREIRA, Vilmar Alves. *Hermenêutica e educação: um encontro com a pesquisa social*. In: PEREIRA, Vilmar Alves; CLARO, Lisiane Costa. (Orgs.). **Epistemologia e metodologia nas pesquisas em educação**. Passo Fundo: Méritos, 2012. p. 91-127.

lização para a formação do educador no campo da educação ambiental.

**Segundo Texto** – O segundo texto produzido pelo autor relata as leituras e tentativas de compreensão da fenomenologia e os processos históricos constitutivos da hermenêutica, a partir do estudo da obra *No horizonte da fenomenologia: entre conceitos e possibilidades*, de autoria de Lisiane Costa Claro e Vilmar Alves Pereira,<sup>3</sup> e da introdução e capítulo 1 do livro *Hermenêutica*, de Jean Grondin.<sup>4</sup>

A partir das ideias potencializadas pela leitura do texto dos autores sugeridos para este dia, havia também encontros reflexivos do autor da escrita com Heidegger, Merleau-Ponty e Luiz Augusto Passos, e este mesmo autor resgatava em memórias o desejo por um viver mais:

Vasculhando uma das incontáveis redes sociais na noite de domingo encontrei uma imagem simples que me instigou e, diretamente, me ensinou um novo sorriso. Em um muro branco de uma casa urbana, pichado em cores escuras, uma frase saltava: “viver não cabe no Lattes”! [...] Preciso viver cada vez mais, principalmente para constituir as condições necessárias para aprender a escutar e, escutando, aprender a construir novos saberes com o outro. (TEXTO REFLEXIVO 2)

Com uma reflexão crítica a uma dada ideia de produtivismo, ou ainda como uma vazão dos sentidos que não conseguem ser mensurados por frações métricas e instrumentos racionalizantes e capitalizados, a escrita anunciava a vontade de melhor compreender a percepção e a escuta, sobretudo como convites que figuravam na forma de perguntas: “[...] A escuta solidária do outro também possui um limite?!”

3 CLARO, Lisiane Costa; PEREIRA, Vilmar Alves. No horizonte da fenomenologia: entre conceitos e possibilidades. In: PEREIRA, Vilmar Alves; CLARO, Lisiane Costa. (Orgs.). **Epistemologia e metodologia nas pesquisas em educação**. Passo Fundo: Méritos, 2012. p. 91-127.

4 GRONDIN, Jean. **Hermenêutica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

Qual a voz que lanço para solidarizar as possibilidades de vozes?! Como instituir uma práxis política (educadora e pesquisadora) que rompa com os processos colonizadores?!” (TEXTO REFLEXIVO 2). Questões estas que permitem um universo amplo de diálogos-respostas e diálogos-inquietudes, na formação subjetiva do autor. Neste dia foi possível perceber a/o escuta/sentir como elementos de formação do educador.

**Terceiro Texto** – O texto pauta-se pelos debates contemporâneos vividos no momento da escritura e trazem o enfrentamento entre as desesperanças e a vontade de continuar acreditando e trabalhando para a concretização dos sonhos. Citando Galeano:

Quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for. Porque todos, todos, temos algo a dizer aos outros, alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada. (GALEANO, 2008, p. 23)

Se toma em reflexão: “Galeano foi para outro tempo e nos deixou neste” (TEXTO REFLEXIVO 3). Porque essa era a expressão que lhe cabia para apontar as questões que se estimulavam no campo das tentativas de flexibilização das leis trabalhistas, nas ganâncias sempre presentes, na tensão pela ideia de redução da maioria penal e por tantos outros alarmes que já se aventavam naquele longínquo momento. Sobretudo o diálogo sobre o tempo enquanto construção histórica que se desenha em disputa de ideologias. Indica também que algumas leituras desde as ideias de Martin Heidegger, refletidas por outros textos, também se faziam presentes nesta reflexão de constituição, e o autor dos textos aqui analisados assim escrevia: “Como é difícil ler e compreender filosofia, epistemologia, o mundo. Ler tem-se tornado cada dia mais difícil e,

nesta inquietante dificuldade, percebo que a leitura que faço me força a buscar o Eu em todas as coisas, em cada página e em cada canto” (TEXTO REFLEXIVO 3). Nesta terceira escrita, a ideia da denúncia/anúncio emerge como percepções da formação do educador.

**Quarto texto** – Na quarta escrita, há um exercício inicial de retomada de escritos anteriores, sobretudo a partir do apontamento de um texto de agradecimento em uma dissertação de mestrado. Para isso, o autor traz um trecho de uma música de Vítor Ramil – *Loucos de Cara* – que o ajuda na construção do pensar. “Meu primeiro movimento no encontro ao texto de Richard Palmer foi a vontade de rever o sumiço que deflagrei em meus agradecimentos da dissertação longínqua” (TEXTO REFLEXIVO 4). Para o autor do texto reflexivo, os convites precisam ser refeitos, transformados, e “Assim, voltei-me para cá para, hermeneuticamente, criar a assunção deste movimento... desejando o planeta, ombro no ombro” (TEXTO REFLEXIVO 4). Também esta quarta escrita foi instigada, entre outras diversas mobilizações pessoais, pela leitura sugerida do livro intitulado *Hermenêutica*, de Richard E. Palmer.<sup>5</sup>

No texto, o diálogo sobre a possibilidade de entendimento dos sentidos da hermenêutica, e também sobre a mobilidade histórica do conceito e da compreensão sobre o que é hermenêutica, “[...] fazendo-me conhecer os diferentes movimentos da constituição linear da ciência da interpretação, mas também as nuances que se colocam como entraves filosóficos e provocam o permanente retorno às dúvidas de sua definição” (TEXTO REFLEXIVO 4). Neste movimento, o autor dos textos reflexivos revela que algumas de suas construções desde autores dialogados o levaram a:

*[...] entender e reconhecer ainda mais alguns trajetos que assumi, uma vez que me coloquei*

5 PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1969.

*no exercício de compreender/interpretar/dialogar a história de outros com outros por reconhecer este movimento como marco da existência humana, constituidor da própria humanidade e, portanto, elementos essencialmente formativos. Como educador que busca, pensa e dialoga a formação inicial e continuada de professores, percebo a força transformadora destes exercícios interpretativos.* (TEXTO REFLEXIVO 4)

Como emergência desta escrita, foi possível compreender que a ideia de transformação se mostra na formação do educador no campo da educação ambiental.

**Quinto texto** – O quinto relato/texto anuncia-se como uma “volta aos diálogos com a história” (TEXTO REFLEXIVO 5), o que se explica pela formação inicial, anunciada pelo nosso autor de textos: a História da Licenciatura. Ainda assim, para narrar a experiência da aula do dia, se faz como uma grande retomada, como apresentada na escrita a seguir:

Muitas aulas e assembleias estudantis já havia experienciado naquele anfiteatro, mas agora tudo se colocava de uma forma diferente. Chegava ao lugar como um doutorando, me remetendo a um estado/estágio diferente do Ser, mesmo sem conseguir explicar o que isso pode significar e nem ao menos compreender se isso também modifica, de fato, algo. Mas o certo é que o Autor 1 naquele contexto do agora era muito diferente do Autor 1 que sentou naquelas carteiras de doze anos atrás e mais. Para aumentar essa sensação de estranhamento, o jovem falante também revelava sua formação: a História na FURG e as provocações da Universidade de Coimbra. Novamente, o estranho encontro, pois, como egresso do Curso de História da FURG, me questionei intrigantemente sobre os rumos da formação assumida por aquele jovem e as possibilidades constituídas em uma época anterior, por mim e outros, e as criações que se fizeram. Voltei naquela História e refiz-me na história por ele contada... desencontrei-me mais uma vez. (TEXTO REFLEXIVO 5)

O autor do texto desloca-se do passado ao presente e a uma dada projeção, um refazer-se,

e no texto também uma escrita-diálogo que já encontra, para além de Martin Heidegger, compreensões desde Paul Ricoeur. Em destaque, uma escrita longa que traz os movimentos de compreensão tecidos pelo autor, problematizando referências desde a sua atuação profissional.

Na produção dos relatos de professores, por exemplo, ou na produção dos diários e portfólios de formação inicial, nossos horizontes se cruzam, se atravessam (leitor e intérprete) e também se fundem. Neste espaço de formação acadêmica, na escrita destes rascunhos filosóficos, provocações permanentes, nos embrenhamos nesta fundição... cheios do horizonte hermenêutico. [...] Nesta mobilização provocada, meu sul voltou-se ao educador que desejo ser. Da história que vivi e cresci à história que encontrei, perdi e transformei remexo nos desejos que me fizeram querer tornar-me o que sou – minhas escolhas. Estar aqui, estudar, escrever. Neste passo, a constituição do educador que rompe o professor é uma busca... latente, crescendo nas angústias, felicidades e coragens assumidas um tempo depois do outro – hermenêuticamente circulante. (TEXTO REFLEXIVO 5)

Neste diálogo, a historicidade emergiu como uma reflexão desde a formação do educador e a partir da nossa compreensão.

**Sexto texto** – A escrita revela a resistência às ideias e algumas compreensões provocadas pelo autor do texto, sugerido para leitura no referido encontro/aula, na constituição das mobilizações de compreensão. Pela percepção que constituímos, esta leitura envolveu o capítulo IV do livro *Hermenêutica*, de Jean Grondin.<sup>6</sup> Ainda assim, foram exatamente estas resistências iniciais que lançaram a possibilidade do movimento formativo percebido via estranhamento, também emerso de uma reflexão densamente pessoal.

Em minha última escrita, coloquei-me na direção do Sul e tencionei: que educador eu desejo ser? Depois de quase três meses de ingresso no

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental e após experimentar retomadas, desafios e muitas incertezas, percebo-me resvalando por entre possibilidades que surgem nos impulsos do cotidiano e que me convidam a ser e experimentar novos gostos e atitudes e, para além de onde me encontro no hoje, configurar uma outra forma de ler e interpretar o mundo, do Eu ao todo e do todo a esta partícula escrevente e angustiada. [...] Nesta feitura direcional sulista alguns medos apontam e, sem ainda compreender claramente, começo a me proteger em meio às descobertas das coisas antes não projetadas... saberes. Talvez seja este o próprio lugar novo que encontro para abrigar uma porção de conceitos e ideias que emergem e distraem o passante – ainda que mais desviantes e distantes da certeza, mas na coerência da procura e no aconchego do agora inconstante: estar sendo me leva a potencializar e constituir dentro de um possível que desconheço, mas no qual sonho e faço o impossível. (TEXTO REFLEXIVO 6)

As dúvidas que pairavam, segundo o texto do autor do relato, dirigiam-se à relação entre a ideia do entender e a própria existência, deflagradas enquanto construções que se imbricam. E neste ponto, o autor revela: “A existência que o texto me revelou foi a própria imagem-reflexo que incomoda: não constituí uma consciência do como me encontro para deflagrar as projeções do como desejo me encontrar” (TEXTO REFLEXIVO 6). O estranhamento fazia-se para o olhar lançado sobre si e a sua tentativa de compreensão, mas deixava um gosto e um desejo de novas e futuras possibilidades de conhecimento. Desta forma, na busca por compreensão que exercitamos, estranhamento/existência, houve mobilizações da formação deste educador em processo de escrita reflexiva.

**Sétimo texto** – A escrita do sétimo texto dialoga com o movimento do encontro com a leitura do capítulo V do livro *Hermenêutica*, de Jean Grondin.<sup>7</sup> Para o autor do texto reflexivo

6 GRONDIN, Jean. *Hermenêutica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

7 GRONDIN, Jean. *Hermenêutica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

sete, uma nova reflexão que se inicia na música, desta vez a visita da banda Legião Urbana, em sua música *Sereníssima*, de Villas-Lobos, Russo e Bonfá (1991): “Sou um animal, sentimental, e me apego facilmente, ao que desperta o meu desejo”. Segundo o autor, “Na minha caminhada constitutiva, o ser humano que vive e interpreta e o educador que brinca na história e no ambiente, homem(s) de muitas possibilidades, “encharca-se” das coisas que experiencia e projeta-se nas leituras e narrativas que compartilha” (TEXTO REFLEXIVO 7).

Além dos diálogos para compreender o entender, há também neste sétimo texto produzido a preocupação com a compreensão da ação investigativa e seu caráter formativo, e o próprio diálogo latente sobre o que seria a verdade. Pensando desde esse movimento e dialogando com a própria pesquisa, escreve:

[...] estou confuso sobre os caminhos que assumo na pesquisa e a interrogação se faz no problema, na hipótese, na metodologia, mas, a pesquisa já se faz e a interpretação sobre/com ela também; o jogo está assumido e o acontecimento não cessa... a tese costura o Eu que costura a tese. (TEXTO REFLEXIVO 7)

Nestes mesmos movimentos de escrita também há um encontro com a história enquanto ciência, esta compreendida desde Grondin:

Aos olhos de Gadamer, parece menos importante objetivar esse trabalho da história, tarefa impossível porque ela pretende se tornar senhora de todas as suas determinações, do que reconhecer que todo entendimento se inscreve em um trabalho da história, emanando das próprias obras, mas do qual ela só teve uma consciência parcial. Todo o propósito filosófico de Gadamer é desenvolver uma *consciência*<sup>8</sup> adequada desse trabalho da história. (GRONDIN, 2012, p. 71-72)

Ao autor do texto reflexivo, há nesse momento um encontro com a possibilidade de

que “[...] as histórias produzidas nos espaços da escola, da educação popular, nas vozes dos estudantes e professores da EJA, nas narrativas de quem jamais habitou a escola possam fazer-se também entendimentos históricos [...]” (TEXTO REFLEXIVO 7). A ideia do “encharcamento de coisas” permeou a compreensão que constituímos da formação do educador no campo da educação ambiental.

**Oitavo texto** – A oitava escrita insere-se em um movimento de reflexão sobre encontros, o que já havia se mostrado também em outras escritas anteriores, mas desta vez com a marca de um olhar para si (o encontro consigo na umidade) e em diálogo com a continuidade dos estudos, sobretudo no encontro e na tentativa de compreender a linguagem e o seu papel na costura hermenêutica. Nas palavras extraídas do Texto Reflexivo 8:

Minha escrita revela um ser de muitos seres, embora alguns mais visíveis do que outros escamoteados: o humano cansado, o outro molhado, o homem repleto de incertezas e aquele que sonha. O cansaço me bate porque a aprendizagem da discência se constitui tão complexa quanto à aprendizagem da docência, ainda que por meandros distintos. O homem molhado se faz no antes esquecimento da umidade riograndina que agora se mostra em chão, paredes, roupas e corpo vertendo água... e frio – à volta às origens de uma forma relâmpago. As incertezas do jovem adulto são tentativas vãs de apressar definições que não cabem ser aligeiradas, mas que insistem e, na ponta mais latente, o sorriso se faz na crença de um mundo melhor, sonhado pelo autor-sonhador na escrita. [...] Neste encontro dos seres, a percepção de que esta consciência também é passageira, uma vez finita no enlace com outros olhares, e que assim nos permite reconhecer a finitude essencial e abre-nos às possibilidades de alteridade e de novas experiências. (TEXTO REFLEXIVO 8)

Desta forma, em uma tentativa de refletir sobre os saberes desde a linguagem, afirma: “Os seres colocados do homem expressos no início desta escrita são todos linguagem – o ser,

8 Grifo do autor.

a umidade bucólica, os anseios e a esperança” (TEXTO REFLEXIVO 8). Nesse oitavo movimento, nos foi possível perceber que a linguagem se mostra desde a formação do educador.

## Diálogos de encontros: o que se mostra da formação do educador

Retomando a pergunta que nos guiou neste exercício metarreflexivo: “O que é isso que se mostra de formação do educador no campo da educação ambiental na experiência da escrita de textos reflexivos?” – e com o objetivo de respondê-la dialogicamente, indicamos que, ao reler e analisar cada um dos textos em sua totalidade, optamos por não fragmentá-los, em sua estrutura textual, mas nos concentrarmos em possíveis compreensões que emergiam da leitura acompanhada do questionamento-guia. Este movimento ressaltou a constituição de oito pontos de compreensão destacados, os quais foram percebidos individualmente desde cada texto, como indicadores reflexivos: Interpretação; Escuta/sentir; Denúncia/anúncio; Transformação; Historicidade; Estranhamento/existência; Encharcamento de coisas; e Linguagem.

Nesta caminhada de entendimento da formação do educador no campo da educação ambiental, a percepção dos movimentos de “denúncia/anúncio” e de “transformação” se caracteriza na leitura do mundo, em suas múltiplas manifestações, e na construção de uma ação pedagógica e, portanto, política, que dialogue com este mundo experienciado desde a crítica das manifestações mais desumanizadoras e degradantes de homens e mulheres e também a todos os demais seres da vida – ao planeta em seu conjunto – até o compromisso com a construção de ideias e ações alternativas e possíveis de constituição de uma vida planetária efetivamente coletiva e socioambientalmente saudável para todos, atendendo,

plural e democraticamente, às diversidades de espécies, regiões, modos de vida, constituições culturais e projeções de futuro.

A ideia de denúncia aqui pensada e proferida na reflexão crítica – exercida na memória e no registro – e o anúncio como casa de um horizonte de esperança – vivo na práxis narrativa no/com o mundo – também encontram um porto dialógico nas compreensões de Brandão, que nos afirma:

A educação ambiental existe no lugar em que está viva ainda a esperança de que, em vez da esperada tendência ao empobrecimento e à desigualdade, em um futuro próximo haja menos crianças deserdadas do que agora. E em um futuro mais longínquo, menos ainda. Mas, se esta esperança não for realizável, que a educação ambiental sirva ao menos como uma memória do que fomos e do que fizemos, quando transformamos a natureza em mercadoria, a vida em morte, a floresta em deserto, e pessoas que deveriam ser felizes e viver em verdes cenários de uma vida fecunda e bela em nada mais, nada menos do que isto: deserdados. (BRANDÃO, 2005, p. 70).

Paulo Freire (1982, p. 101) também no convida a pensar: “Eu agora diria a nós, como educadores e educadoras: ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar”. Nas palavras de Freire, em sua *Pedagogia do oprimido*:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (FREIRE, 2011, p. 57)

No exercício de compreensão deste movimento de formação do educador desde o campo da educação ambiental, a presença da “in-

terpretação”, da “historicidade” e da “linguagem” também se revelaram importantes, e, da mesma forma, dialogicamente emaranhadas aos estudos da hermenêutica que se constituíam. Segundo Grün (2007, p. 148), “[...] é especialmente significativo na educação ambiental fazer perguntas corretas. É crucial saber como perguntar. Esse é o conceito básico do conhecimento”. Desta forma, ainda segundo o autor, “Quando empreendemos a lógica da pergunta e resposta, na dialética do ouvir, o mesmo ocorre e os dogmas que nos impedem de entrar numa genuína relação com a Natureza são eliminados um a um” (GRÜN, 2007, p. 149).

Por sua vez, Brandão nos provoca a ler quem somos, como nos fazemos e nos criamos e, assim, a pensarmos as amarrações de sentidos envolvendo a formação.

E criamos tudo isso porque aprendemos a pensar reflexiva e simbolicamente. Somos provavelmente a única espécie de seres vivos que sente e pensa, e que se sente pensando e se sabe sentindo. E que sente o que sabe porque sabe o que sente (ou pelo imagina que sabe). E que aprende a sentir, a lembrar e a saber. E que vive a sua vida não em um terno e generoso presente único, como os lobos, mas dentro de um tempo que é uno e triplo: passado, presente, futuro. Por isso construímos berços em casas para os que ainda vão nascer e covas em casas para os que já morreram. Aprendemos a expressar quem somos e como somos através de criações simbólicas que tornaram os sons guturais de nossos antepassados palavras sonoras e cheias de sentido simbólico. E das palavras geramos preces, pensamentos, preceitos, poemas e teoremas. E com eles e outros pensamentos criamos as ciências, as teorias, os mitos, as crenças e as religiões, as artes e outras formas culturais de atribuir sentido a nossas vidas e destinos e aos mundos em que as vivemos e os cumprimos. (BRANDÃO, 2007, p. 71-72)

Ainda nesta construção, as ideias do “escutar/sentir”, do “estranhamento/existência” e do “encharcamento de coisas” fluíram enquanto manifestações presentes desde a re-

flexão formativa do autor dos textos, principalmente ao perceber o exercício deflagrado de se pôr em ação ouvinte do outro, do mundo, mas também de si mesmo. Estas ações de escuta prescindiam de diversas mobilizações de sentido, desde o saborear o gosto do café, os cheiros, as visões, os tatos... a conjunção de sentidos provocava a escuta que provocava os sentidos plenamente envolvidos. Da mesma forma, para acionar estas possibilidades, havia também um mergulho conjuntural em um emaranhado de percepções, das coisas que compunham a experiência do autor, e que por estas coisas se fazia encharcado. Buber nos ajuda a pensar o último movimento de compreensão por que:

No basta con que coloque su yo como objeto del conocimiento. Sólo puede conocer la totalidad de la persona y, por ella, la totalidad del hombre, si no deja fuera su subjetividad ni se mantiene como espectador impasible. Por el contrario, tiene que tirarse a fondo en el acto de autorreflexión, para poder cerciorarse por dentro de la totalidad humana. En otras palabras: tendrá que ejecutar esse acto de adentramiento en una dimensión peculiarísima, como acto vital, sin ninguna seguridad filosófica previa, exponiéndose, por lo tanto, a todo lo que a uno le puede ocurrir cuando vive realmente.<sup>9</sup> (BUBER, 1949, p. 21)

O exercício de se estranhar foi percebido a partir da possibilidade de leitura que emergiu de si, leitura ampliada em diálogo com o mundo, já desde o primeiro ato de escrita possível. Por isso, o estranhamento ao ser que não se fazia conhecer, ou que simplesmente não se

9 Não basta que coloque seu eu como objeto do conhecimento. Somente pode conhecer a totalidade da pessoa e, por ela, a totalidade do homem, se não deixa fora a sua subjetividade nem se mantém como espectador impassível. Pelo contrário, deve lançar-se a fundo no ato de autorreflexão, para poder garantir-se por dentro da totalidade humana. Em outras palavras: terá que executar esse ato de penetração em uma dimensão peculiaríssima, como ato vital, sem nenhuma segurança filosófica prévia, expondo-se, portanto, a tudo o que pode acontecer quando se vive realmente.

fazia sentido, ao escrever. Mais ainda de estranhamentos ao ser que lia outros tantos seres, tantas provocações, e voltava a si, no encontro formativo com o educador ambiental em formação. Por outro lado, a continuidade desta interconexão é a própria percepção mais tonalizada desde si, uma espécie de busca mais latente da existência que se faz, que se deseja.

Os oito pontos de compreensão destacados serviram de base para o diálogo de entendimento sobre a formação do educador no campo da educação ambiental, a partir do exercício de escrita, revelando que o movimento reflexivo autoral empreende mobilizações existenciais e sociais que instigam a potencialização de saberes e a constituição de uma ação formativa. Neste movimento de compreensão, encontramos as construções de Josso (2007, p. 424) sobre o conceito de “dimensões de nosso ser-no-mundo”, uma vez que para a autora “Existir é ser na vida, ser em ligação, em relação com...”. Ainda conforme a autora, no centro estão colocadas as duas dimensões essenciais de nosso ser no mundo: Ser de carne e Ser de atenção consciente. O primeiro, “[...] é ao mesmo tempo “habitação”, suporte, base, condição da manifestação das sete outras características” (JOSSO, 2007, p. 425). Ainda em diálogo sobre este Ser de carne, afirma que:

Nós somos, assim, parte integrante e em ligação ativa com o ecossistema terrestre pela nossa pertença biológica ao reino animal, sem falar de nossos laços com o Universo. Nossa consciência ecológica está apenas balbuciando no Ocidente (nos ‘povos autóctones’ essa tomada de consciência parece ser constitutiva de sua visão do mundo), nós começamos a nos tornar conscientes dos laços que existem entre atividades humanas que nós desenvolvemos sem considerar seu impacto a curto, médio e longo prazo e seus prejuízos ao nosso meio ambiente natural e à nossa saúde. (JOSSO, 2007, p. 425)

Por sua vez, Josso afirma que sem o Ser de atenção consciente, segunda dimensão essen-

cial, “[...] nenhum desenvolvimento é possível, nenhuma percepção de si é possível e, portanto, nenhuma possibilidade de construção de um conhecimento de si. A qualidade dessa atenção consciente resulta de uma escolha, de um trabalho, de uma vontade perseverante, de uma disciplina” (JOSSO, 2007, p. 426). Além destas duas dimensões, também são apresentadas: a dimensão do Ser de sensibilidades – “É pela mediação de nossos cinco sentidos que nós apreendemos, em primeiro lugar nós-mesmos, depois os outros e nosso meio ambiente humano e natural” (JOSSO, 2007, p. 427); Ser de emoções – “A inscrição corporal das emoções não impede que elas estejam permeadas por dimensões menos carnis” (JOSSO, 2007, p. 427); Ser de imaginação – “[...] manifesta-se em sonhos e projetos que já serviram de marcos para orientar a existência ou que permitem formular outros novos” (JOSSO, 2007, p. 430); Ser de cognição – “[...] nos leva a abordar outras formas de laços e de manifestação de nossa existencialidade. Pela aquisição da linguagem, o desenvolvimento das inteligências, a aquisição de estratégias de pensar e dos diversos conhecimentos das ciências do humano e da natureza [...]” (JOSSO, 2007, p. 428); Ser de ação – “[...] combina, mobiliza, põe em ação todas as outras dimensões do ser, a fim de se completar em seu movimento, em seu deslocamento, em sua transformação desejada [...]” (JOSSO, 2007, p. 430); e do Ser de afetividade – “Ele pode tomar diversas formas: o ser dos envoltórios, o ser que deseja, o ser dos ideais, o ser dos compromissos, o ser dos sentimentos, o ser de vontade e de perseverança” (JOSSO, 2007, p. 428).

A leitura destas dimensões do Ser no mundo nos permite compreender a dialogicidade de formação do educador ambiental, sobretudo no reconhecimento de que somos Ser de carne, de atenção consciente, de afetividade, de emoções, de sensibilidades, de imaginação,

de cognição e de ação e que, portanto, este educador se costura também dialogicamente nesta multiplicidade dimensional e relacional, com seu Eu refletido, com o outro humano e não humano e com o mundo natural e social. A formação do educador ambiental se emaranha nestas dimensões e a existência, em sua vivacidade eloquente e impulsiva, dança possibilidades de futuros em encontros, desencontros, vozes, temores, escutas, reflexos, sonhos, poemas, aprenderes, perguntas... sentires e interpretações vindouras.

## Algumas considerações na incompletude

A partir de um trabalho de revisitação sobre os oito textos reflexivos produzidos no âmbito de uma disciplina de um curso de pós-graduação que dialogava com a abordagem da hermenêutica em conexão com o campo da educação ambiental, nos tencionamos a uma metareflexão, ao questionar: “O que é isso que se mostra de formação do educador no campo da educação ambiental na experiência da escrita de textos reflexivos?” A partir desta pergunta nos mobilizamos sobre os textos e, com estes, compreendemos a constituição de algumas compreensões que demarcavam a formação do educador ambiental, autor dos textos e também deste artigo, tais quais as presenças formativas: denúncia/anúncio; transformação; interpretação; historicidade; linguagem; escuta/sentir; estranhamento/existência; e o encharcamento de coisas.

No diálogo com Sauvé (2005) desde o campo da educação ambiental, compreendemos a pertinência do exercício reflexivo da formação do educador ambiental e da responsabilidade desta emergência. Segundo a autora: “Para além de uma abordagem cívica legalista de direitos e deveres, trata-se de uma responsabilidade de ser, de saber e de agir, o que

implica compromisso, lucidez, autenticidade, solicitude e coragem” (SAUVÉ, 2005, p. 321). Em se tratando de um diálogo metareflexivo, torna-se importante destacar que o ato de retomada dos textos, as releituras e as buscas compreensivas, também se constituíram como um novo movimento formativo, desta vez com destaque do exercício de distanciamento dos textos mobilizados pela distância temporal e, da mesma forma, pela inspiração provocativa dada pelas novas compreensões vividas e sentidas com o passar dos anos.

Tornou-se evidente, da mesma forma, que a escrita reflexiva de textos em diálogo com as aprendizagens construídas em espaços acadêmicos, seja na pós-graduação ou na graduação, são potências imensuráveis às processualidades de formação possíveis de constituição, que revelam a escrita como uma vazão pessoal da memória de anseios, sonhos, dores e alegrias, mas também como intenso exercício de formulação e reformulação de conceitos, ideias, imaginações e concretudes explicativas das próprias construções de saberes que estão se fazendo. Neste sentido, o trabalho reflexivo desde esta disciplina foi intensamente formativo para o autor. Além disso, na escrita, há uma mobilização da organização das ideias, que, por sua vez, prescindem da organização do aprender, ou mesmo, de estar o processo do aprender, inconcluso e infundável.

Por fim, o que se mostra de formação do educador no campo da educação ambiental desde a escrita-experiência foi a potencialidade de compreensões que transitaram desde a interpretação de si-outro-mundo-texto à transformação como possibilidade, mas também em trânsito por encharcamentos, historicidades, no olho cru da linguagem percebida explícita do mundo, na redescoberta do ser que estranha e existe, fazendo-se humano, à denúncia/anúncio que se dialetiza na própria práxis de se tornar, em formação, educador.

Ainda assim, o salto destacado desta escrita se forjava na possibilidade latejante que passa aos textos e se reflete na compreensão reverberada do autor que se cria na constituição dos saberes vividos, ressignificados, e por estes e com estes dinamizados, ou seja, na escuta enquanto sentido.

## Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **As flores de abril**: movimentos sociais e educação ambiental. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O vôo da arara-azul**: escritos sobre a vida, a cultura e a educação ambiental. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2007.

BUBER, Martin. **¿Qué es el hombre?** México: Fondo de Cultura Económica, 1949.

CLARO, Lisiane Costa; PEREIRA, Vilmar Alves. No horizonte da fenomenologia: entre conceitos e possibilidades. In: PEREIRA, Vilmar Alves; CLARO, Lisiane Costa. (Orgs.). **Epistemologia e metodologia nas pesquisas em educação**. Passo Fundo: Méritos, 2012. p. 91-127.

FREIRE, Paulo. Educação: O sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues et. al. **O Educador**: vida e morte. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. Disponível em <<http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/1460>>. Acesso em: 09 set. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2008.

GRONDIN, Jean. **Hermenêutica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GRÜN, Mauro. **Em busca da dimensão ética da edu-**

**cação ambiental**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. 3, p. 413-438, set./dez. 2007.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1969.

SARAÇOL, Paulo Valério; DOLCI, Luciana Netto; PEREIRA, Vilmar Alves. Hermenêutica e educação: um encontro com a pesquisa social. In: PEREIRA, Vilmar Alves; CLARO, Lisiane Costa. (Orgs.). **Epistemologia e metodologia nas pesquisas em educação**. Passo Fundo: Méritos, 2012. p. 91-127.

SATO, Michèle; PASSOS, Luiz Augusto. Pelo prazer fenomenológico de um não-texto. In: GUIMARÃES, Mauro. (Org.). **Caminhos da educação ambiental**: da forma à ação. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

SAUVÉ, Lucie. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2. p. 317-322, mai./ago. 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000200012>>. Acesso em: 09 set. 2019.

TIERRA, Pedro. **Poemas do povo da noite**. 3. ed. rev. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Publisher Brasil, 2010.

VILLA-LOBOS, Dado; RUSSO, Renato; BONFÁ, Marcelo. **Sereníssima**. In: V. Rio de Janeiro: EMI: 1991. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/46978/>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

Recebido em: 28.03.2019

Aprovado em: 04.08.2019

**Alexandre Cougo de Cougo** é Doutor em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – PPGEA/FURG. Professor do Campus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – CPAN/UFMS. e-mail: [alexandrecougo@yahoo.com.br](mailto:alexandrecougo@yahoo.com.br)

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal – UFMS/CPAN. Av. Rio Branco, 1270. Bairro Universitário. Corumbá, MS. CEP: 79304-902 – Telefones: (67) 9.8472-8860; (67)3234-6898.

**Cleuza Maria Sobral Dias** é Doutora em Educação pela PUC/RS. Professora do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande – IE/FURG. Reitora desta Instituição. e-mail: [cleuzareitora@furg.br](mailto:cleuzareitora@furg.br)

Universidade Federal do Rio Grande – FURG – Campus Carreiros. Av. Itália s/n – km 8, Bairro Carreiros, Rio Grande, RS. CEP: 96203-900 – Telefones: (53) 9.8407-8036; (53) 3233-6731.